

## Da intertextualidade à polifonia: análise de *tweets* a partir de discurso machista no #BBB20

From intertextuality to polyphony:  
tweets analysis from sexist discourse on #BBB20

 Tânia Maria Augusto Pereira

 Lucas Guedes Santos

**Resumo:** A temática desse artigo envolve discursos apresentados na comunidade virtual *Twitter*, sobre o *Big Brother Brasil*, durante sua exibição na televisão, com o objetivo de analisar a repercussão que esses discursos acarretaram nos telespectadores que expressaram suas opiniões. A partir da fala do participante Babu, considerada machista, que ocorreu durante a vigésima edição do programa, algumas usuárias por meio de *tweets* deram suas contrapalavras ao que foi dito em rede nacional. Com base nas ideias de Bakhtin (2009), Fiorin (2003), Koch (1991) e Ducrot (1987), a respeito da intertextualidade e polifonia, foram analisados alguns discursos, em uma pesquisa de natureza qualitativa e caráter interpretativista. Especificamente, buscou-se mostrar o impacto causado por discursos que atacam uma minoria nas redes sociais, como o *Twitter*, e enfatizar a relevância desses discursos no meio social, seja ele virtual ou real.

**Palavras-chave:** Intertextualidade; Polifonia; Discurso machista; *Twitter*.

---

Tânia Maria Augusto Pereira. Doutora em Linguística.  
Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba.  
Email: taniauepb23@gmail.com

Lucas Guedes Santos. Graduado em Letras-Língua portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: lucas.guedes.santos@aluno.uepb.edu.br

**Abstract:** The theme of this article involves speeches presented in the virtual community Twitter, about Big Brother Brazil, during its exhibition on television, with the objective of analyzing the repercussion that these speeches had on the viewers who expressed their opinions. Based on the speech of the participant Babu, considered sexist, which took place during the twentieth edition of the program, some users through tweets gave their counter-words to what was said on national television. Based on the ideas of Bakhtin (2009), Fiorin (2003), Koch (1991) and Ducrot (1987), regarding intertextuality and polyphony, some discourses were analyzed in a qualitative and interpretative research. Specifically, we sought to show the impact caused by discourses that attack a minority on social networks, such as Twitter, and to emphasize the relevance of these discourses in the social environment, whether virtual or real.

**Keywords:** Intertextuality. Polyphony. Sexist speech. *Twitter*

## Introdução

**D**urante o programa *Big Brother Brasil* (doravante BBB), exibido pela Rede Globo no ano de 2020, em uma conversa entre os participantes Felipe Prior, Manu Gavassi e Babu Santana, Manu disse: “Babu, tenho uma teoria que o Prior ficou solteiro a vida inteira e, agora que ele ia bombar solteiro, ele vai sair daqui, arranjar uma namorada e casar”. Prior replicou: “Estou disposto. Vambora, eu sou de boa”. Em seguida, Babu afirmou: “É que nunca apareceu a pessoa certa. Agora que vai vir um cardápio, você vai escolher. Aí, quando você provar, [você vai falar] “é isso, é isso que eu quero para a minha vida”, disse o ator. Na contramão de sua postura, Babu – que dentro da casa, por vezes se mostrou contra o machismo – foi apontado como machista ao fazer esse comentário. Então, a *hashtag* #MulherNaoECardapio ganhou relevância no *Twitter* e vários comentários contra sua postura surgiram na rede. Considerando esse contexto, analisamos comentários no

*Twitter*, feitos pelas/os telespectadoras/es que acompanharam o BBB, e identificamos nesses comentários marcas de intertextualidade e sua relação com a polifonia.

A intertextualidade se dá a partir da citação, alusão e estilização de outros textos, como aponta Fiorin (2003), além de apresentar sentidos amplo e estrito, segundo a visão de Koch (1991). A polifonia se faz pela presença de várias vozes em um discurso. Sendo assim, nosso objetivo geral foi analisar os comentários e apresentar aspectos da intertextualidade, além de mostrar que diferentes vozes contribuíram com o enunciado produzido, seja ele positivo ou negativo.

Nosso artigo é uma contribuição da Análise Linguística no que se refere à investigação e análise das modalidades em relação à produção e compreensão de um gênero particularmente importante no meio social e midiático que vivemos hoje em dia: o comentário/*tweet*. Neste sentido, consideramos relevante e pertinente este estudo como forma de abordagem linguística e discursiva dos comentários.

Teoricamente, dividimos este artigo em dois tópicos. No primeiro, “A noção da intertextualidade”, fazemos uma reflexão pautada na revisão do conceito, fundamentada em autores que aplicaram e ampliaram os estudos basilares sobre as relações intertextuais e suas características. No segundo tópico, “O fenômeno da polifonia”, apresentamos uma reflexão sucinta acerca do conceito, com base nas contribuições de Bakhtin/Volochinov (2009) e de Ducrot (1987). Após o aporte teórico, ressaltamos os aspectos analíticos sobre o tratamento dado aos comentários selecionados no *Twitter* e concluímos com algumas palavras finais e as referências utilizadas.

## A noção da intertextualidade

Atualmente, é bastante frequente a quantidade de textos que circulam na internet. Basta uma breve análise para identificarmos a presença de outros textos sendo referenciados. Esse fenômeno, que apresenta a presença de um “diálogo” entre textos de características verbais, não-verbais ou mista, é denominado de *intertextualidade*. Considerada um princípio de textualidade e de significação, a intertextualidade estabelece inter-relações, em uma perspectiva de relação traçada entre autor e leitor, de maneira explícita ou implícita.

Segundo Barros e Fiorin (1999 *apud* ZANI, 2003, p. 121-122), a noção de intertextualidade, ou dialogismo, é uma incorporação de um elemento discursivo a outro, reconhecido “quando um autor constrói a sua obra com referências a textos, imagens ou a sons de outras obras e autores”.

O termo dialogismo foi apresentado, primeiramente, pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, em seu ensaio *Problemas da Poética de Dostoiévski*, no qual considerou Dostoiévski o criador de um novo tipo de romance considerado polifônico, por apresentar características como a pluralidade das vozes do narrador, das personagens e das vozes sociais que permeiam o romance. De acordo com Stam (2000 *apud* ZANI, 2003), em 1969, Julia Kristeva reconfigurou esse termo e apresentou um novo conceito, baseando-se no dialogismo de Bakhtin. Sobre o dialogismo, Stam (2000) ressalta que,

Um diálogo não ocorre somente em um discurso fechado, mas também com outros discursos e seus receptores, como uma relação intertextual entre um discurso, outros discursos anteriores e com os espectadores que, porventura, já tenham uma prévia

noção de como se realiza uma relação citacional, sendo então determinado um diálogo de gêneros ou de vozes (STAM, 2000 *apud* ZANI, 2003, p. 122).

Além da noção apresentada por Bakhtin e Kristeva, os modernistas brasileiros viram esse fenômeno como uma forma de antropofagia, fazendo uma relação da arte moderna com a intertextualidade. Segundo Stam (2000 *apud* ZANI, 2003), essa foi a contribuição brasileira para a intertextualidade e o dialogismo. O autor aponta que essa noção contribuiu para a cultura de países dominados durante o período colonial.

A noção de “antropofagia” simplesmente reconhece a inevitabilidade da intertextualidade, para usar o termo de Kristeva, ou do “dialogismo”, para usar o de Bakhtin. O artista de uma cultura dominada não pode ignorar a presença estrangeira; é preciso que dialogue com ela, que a engula e a recicle de acordo com objetivos nacionais (STAM, 2000 *apud* ZANI, 2003, p. 123).

É importante ressaltar que os estudos da intertextualidade tiveram seu primeiro foco na literatura, por meio das citações textuais, sendo a inclusão de textos em outros, com o intuito de reprodução ou transformação. No entanto, a intertextualidade não era só empregada nos textos verbais, ela era vista também em outras produções textuais, tais quais, a imagética e a midiática. Conforme Frasson (1992),

Entende-se por intertextualidade o trabalho constante de cada texto em relação aos outros, o imenso e incessante diálogo entre as obras. Cada obra surge como uma nova voz (ou um novo conjunto de vozes), que fará soar diferentemente as vozes anteriores, arrancando-lhes novas entonações (FRASSON, 1992, p. 89).

Tendo noção dessa possibilidade de estudos da intertextualidade, para entender melhor como funciona, devemos analisar os aspectos de inscrições de um texto em outro. Com base em Fiorin (2003), são identificadas as seguintes formas de intertextualidade: citação, alusão e estilização.

A *citação* é uma confirmação ou alteração do sentido do discurso mencionado e se faz presente em outros meios, além do textual, como no cinema que recorre ao teatro e nas artes plásticas, que cita a História da Arte. Segundo Zani (2003, p. 123), “a citação firma-se por mostrar a relação discursiva explicitamente e todo o discurso citado é, basicamente, um elemento dentro de outro já existente”. A *alusão* não se dá explicitamente, citando todas as palavras de uma fonte, mas cita algumas construções sintáticas. Ela é uma reprodução da ideia central do discurso e como o nome dá a entender, alude a um discurso de conhecimento popular. A *estilização* é uma reprodução do estilo, uma forma de reprodução estilística do conteúdo formal ou textual.

Além dos tipos de intertextualidade identificados pelo autor, Koch (1991) apresenta uma visão da intertextualidade em sentido amplo e estrito. No sentido *amplo*, a linguista entende a intertextualidade como uma forma de condição de existência do próprio discurso, equiparada à interdiscursividade. Nesse sentido, Koch argumenta junto a alguns autores para contribuir com essa visão, tais como Maingueneau (1976 *apud* KOCH, 1991, p. 530), que afirma que nas condições de produção, o intertexto é um componente decisivo: “um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição” e também com o dizer de Pêcheux (1969 *apud* KOCH, 1991), ao afirmar que,

Deste modo, tal discurso envia a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele ‘orquestra’ os termos principais, ou cujos argumentos destrói. Assim é que o processo discursivo não tem, de direito, um início: o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio [...]” (PÊCHEUX, 1969 *apud* KOCH, 1991, p. 530).

Verón (1980 *apud* KOCH, 1991), em sua pesquisa “A produção do sentido”, analisa os textos sob um ângulo sócio semiológico. Essa questão da semiótica faz ponte com a intertextualidade e considera três dimensões. A primeira tem como exemplo o cinema e fala que “as operações produtoras de sentido são sempre intertextuais no interior de um certo universo discursivo.” (VERÓN 1980 *apud* KOCH, 1991, p. 530); a segunda dimensão aponta universos distintos, como o teatro e o cinema, mas onde a intertextualidade também é válida e na terceira dimensão, é dito que “no processo de produção de um discurso, há uma relação intertextual com outros discursos relativamente autônomos que, embora funcionando como momentos ou etapas da produção, não aparecem na superfície do discurso ‘produzido’ ou ‘terminado’” (VERÓN 1980 *apud* KOCH, 1991, p. 531).

Em relação à intertextualidade no sentido *estrito*, Koch (1991) considera que há uma relação de textos com outros já existentes, ou seja, efetivamente já produzidos. Para analisar a intertextualidade, é necessário identificar no texto elementos anteriores estruturados, tanto de ordem linguística quanto imagética na superfície textual. Entre os tipos de intertextualidade em sentido *estrito*, a linguista apresenta os seguintes: de conteúdo x de forma e conteúdo – nesse segundo, é descartada a possibilidade da existência de uma intertextualidade apenas de forma, já que “toda forma amolda/emoldura um conteúdo” (KOCH, 1991, p. 533); explícita x implícita; das semelhanças x das diferenças e,

com intertexto alheio, com intertexto próprio ou com intertexto atribuído a um enunciador genérico.

Em relação à intertextualidade de conteúdo, Koch (1991) ressalta que esse tipo ocorre entre textos científicos de uma mesma área ou tendências de conhecimento, como por exemplo, entre matérias de jornais, em que o assunto em foco, aparece no mesmo dia ou no mesmo período de tempo, ou até mesmo entre textos literários de um mesmo gênero, como as epopeias. Já a intertextualidade de forma e conteúdo ocorre quando o autor utiliza da imitação ou da parodização de outros textos, com o intuito de obter “efeitos específicos, estilos, registros ou variações linguísticas” (KOCH, 1991, p. 533). Como exemplo, temos textos que reproduzem a linguagem da Bíblia ou de um segmento específico da sociedade.

A intertextualidade explícita acontece quando há citação expressa da fonte, ocorre no discurso relatado, resumos, resenhas etc.; a implícita ocorre quando não há citação expressa da fonte, como por exemplo as alusões, em certas paráfrases e paródias. Nesse caso, cabe ao interlocutor recuperar as citações para poder compreender e construir o sentido do texto, uma vez que “[...] todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(em) parte da memória social dos leitores” (KOCH; ELIAS, 2015, p, 101).

Na intertextualidade das semelhanças e das diferenças há a presença de dois valores, o de captação e o de subversão. O primeiro está diretamente ligado à intertextualidade das semelhanças, e nesse caso, o autor utiliza e incorpora o intertexto para realizar a sua argumentação, como é visto no parafraseamento ou nas argumentações por autoridade. Já o valor da subversão é referente a intertextualidade das diferenças, em que o autor ridiculariza, refuta ou coloca em questão o intertexto que incorpora, como nas ironias e na contra argumentação.

Em relação a intertextualidade com intertexto alheio, com intertexto próprio ou com intertexto atribuído a um enunciador genérico, segundo Koch (1991), alguns autores atribuem ao primeiro caso a denominação de intertextualidade, já no segundo, o de autotextualidade ou intratextualidade, que seria o uso de seus próprios trabalhos/falas para a elaboração de outro. E o último, de acordo com a autora, é visto da seguinte maneira:

Atribuem-se a um enunciador genérico (a que Berrendonner, 1981, chama de ON), enunciações que têm por origem um enunciador indeterminado, que fazem parte do repertório de toda uma comunidade, como é o caso dos provérbios e ditos populares. Ao usar-se um provérbio, produz-se uma “enuncação-eco” de um número ilimitado de enunciações anteriores do mesmo provérbio, cuja verdade é garantida pelo enunciador genérico (“ON”), representante da opinião geral, da “vox populi”, do saber comum da coletividade (KOCH 1991, p. 534).

Conforme Koch (1991), todas essas manifestações da intertextualidade apresentam uma importância na construção da coerência textual. De forma geral, Marcuschi (2008) afirma que a intertextualidade é um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos, o que “dá margem a que se façam interconexões dos mais variados tipos para a própria interpretação” (MARCUSCHI, 2008, p. 132). Essas interconexões, citadas pelo autor, podem ser relacionadas a partir da presença da polifonia na intertextualidade.

## O fenômeno da polifonia

Em 1929, Mikhail Bakhtin introduziu nas Ciências da Linguagem o conceito de Polifonia, caracterizando o romance polifônico de Dostoiévski em que, segundo o filósofo russo, “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2009, p. 4). A palavra é o produto da relação mútua entre falante e ouvinte, emissor e receptor. Além disso, cada palavra expressa o ‘um’ em relação com o outro. O Eu dá-se de forma verbal a partir do prisma da comunidade na qual está inserido. O Eu constrói constituindo o Eu do Outro e por ele é constituído, de acordo com Bakhtin/Volochinov (2009).

Segundo essa visão, para se efetivar a enunciação, é necessária uma relação *sine ne qua non* entre o EU e o TU, e enfatizar os contextos social, histórico, político e econômico, nos quais o falante/emissor está inserido. Com isso, é levantada a questão de que toda palavra está imbuída de questões ideológicas, ou seja, “[...] toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2009, p. 126).

O dialogismo não deve ser confundido com a polifonia. Visto que, o dialogismo é o princípio dialógico constitutivo da linguagem e a polifonia se caracteriza por vozes polêmicas em um discurso. Há a presença de gêneros dialógicos monofônicos (uma voz que domina as outras) e gêneros dialógicos polifônicos (vozes polêmicas). De acordo com Brait (2000), o texto irônico, por exemplo, sempre será polifônico, já o artigo de opinião é considerado como monofônico, por ter uma única voz dominante. Nessa perspectiva, o gênero romance é considerado

polifônico por natureza, por apresentar diferentes vozes sociais que se encontram, manifestando diferentes perspectivas sociais sobre um dado objeto.

Ducrot (1980 *apud* KOCH, 1991) também trabalhou com esse termo no âmbito da pragmática, com o intuito de designar, sob uma visão enunciativa do sentido, as diversas perspectivas e pontos de vistas de um enunciado. Para o linguista,

O sentido de um enunciado consiste em uma representação (no sentido teatral) de sua enunciação. Nessa cena, movem-se as personagens - figuras discursivas - que se representam em níveis diferentes: a) locutor - “responsável” pelo enunciado. b) enunciadores - encenações de pontos de vista, perspectivas diferentes dentro do mesmo enunciado (DUCROT, 1980 *apud* KOCH, 1991, p. 535).

Ducrot (1987) aponta dois pontos em que considera a polifonia: i) quando no mesmo enunciado se tem mais de um locutor e ii) quando apresenta mais de um enunciadador. Essa perspectiva vai de encontro ao que Koch (1991) entende por intertextualidade explícita e implícita, respectivamente. A segunda noção de polifonia se apresenta mais ampla, pois “basta que se representem, no mesmo enunciado, enunciadores que falam de perspectivas diferentes, de pontos de vista diversos, sem necessidade de servirem de textos efetivamente existentes.” (KOCH, 1991, p. 535). A noção de polifonia apresentada por Ducrot (1987) consegue explicar diversos fenômenos discursivos: pressuposição, negação, ironia, discurso indireto livre, aspeamento, *détournement* e argumentação por autoridade polifônica.

O linguista trata a pressuposição a partir de dois enunciadores, E1 e E2, sendo responsáveis, respectivamente, pelos conteúdos pressuposto e posto. Sendo assim, E1 é identificado como ON, respectivo ao que

Koch (1991) apresenta na intertextualidade com intertexto atribuído a um enunciador genérico, ou seja, uma voz coletiva no interior da qual o locutor está localizado. E o E2 é identificado como locutor.

Em relação a negação, Ducrot (1987) apresenta duas noções: a negação polêmica e a negação metalinguística, ambas polifônicas e distintas da negação descritiva. Na negação descritiva não há a noção de oposição, porém a negação pode apresentar valor conflitante, opondo-se ao que se é dito em sua parte positiva. Com isso, apresenta as duas subcategorias já mencionadas: a metalinguística e a polêmica. Na negação metalinguística “visa-se ao próprio locutor do enunciado oposto, do qual se contradizem os termos e cujos pressupostos podem ser rejeitados, como exemplo: Paulo não deixou de beber, ele nunca bebeu”, ressalta Koch (1991, p. 536). Já na negação polêmica, “encenam-se dois enunciadores, E1 que produz o enunciado afirmativo e E2=L, que o contradiz, como exemplo: Pedro não é trabalhador; ao contrário, é bem preguiçoso” (KOCH, 1991, p. 536). A negação, às vezes, mantém pressupostos do enunciado positivo e, outras vezes, os põe em dúvida.

Sobre a ironia, Ducrot (1987, p. 536) afirma que, nesse fenômeno, “encenam-se dois enunciadores, E1 e E2. E2, com quem o locutor se identifica, faz eco à voz de E1 para evidenciar o absurdo da posição deste.” Ou seja, os enunciadores atribuem a si mesmos um pensamento que, no entanto, não é o seu. No discurso indireto livre, há dificuldade em distinguir o ponto de vista/perspectiva de onde se fala, por haver uma ambiguidade. Ducrot (1987) explica esse acontecimento, pois nesse fenômeno mescla-se às vozes de dois enunciadores. Na narrativa, o narrador é representado por E1 e o personagem por E2.

Para exemplificar melhor, Barbisan e Teixeira (2002) citam um dos exemplos, que Ducrot utiliza para explicar o fenômeno do discurso direto livre, retirado da fábula de *La Fontaine*, “O sapateiro e o financista”.

*O gato pegava o dinheiro...* O sapateiro não disse, nem pensa que um gato roubava seu dinheiro. Há aí dois pontos de vista: alguém roubava o sapateiro (ponto de vista do sapateiro) e o barulho que levou a admitir o ponto de vista anterior é o de um gato (ponto de vista do fabulista). Isso parece indicar que há necessidade de se introduzir uma fonte do primeiro ponto de vista e essa fonte é o personagem do sapateiro. Essa observação pode ser estendida a exemplos de monólogos interiores (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p. 175).

A polifonia também pode ser observada na ocorrência do aspeamento, no qual acontece, simultaneamente, o uso e menção do termo ou expressão aspeada. Nesse caso, Koch (1991, p. 536) afirma que “encontra-se um primeiro enunciador (E1), responsável pelo uso do enunciado, expressão ou termo; e um segundo (E2=L), que menciona ‘aspeia’ o que diz o primeiro, para manter distância, isto é, eximir-se da responsabilidade do dito”. Authier (1981 *apud* KOCH, 1991, p. 537) corrobora esse pensamento, apontando diversas funções do aspeamento nessa operação de distanciamento, como de diferenciação, pedagógicas, de proteção, de ênfase e de questionamento ofensivo ou irônico.

O *détournement* é um termo utilizado por Grésillon e Maingueneau (1984 *apud* KOCH, 1991), trazido por Koch (1991) para colaborar com os fenômenos discursivos que a polifonia consegue explicar. Segundo a linguista, esse fenômeno designa

alteração (na forma e/ ou conteúdo) de provérbios ou frases feitas, a título lúdico ou militante, com o objetivo de captação ou, mais comumente, de subversão. Trata-se de uma estratégia comum na publicidade e bastante frequente em outras formas de linguagem, como por exemplo, o humor e a música popular. Também, aqui, a voz do enunciador genérico - “ON” - é introduzida representando a sabedoria popular, à qual adere ou se opõe o segundo enunciador, com quem o enunciador se identifica (E2-L) (KOCH, 1991, p. 537).

A argumentação por autoridade polifônica, para Ducrot (1984 *apud* KOCH, 1991), consiste na introdução da perspectiva de um outro enunciador genérico ou representante de um grupo ou de um *topos* (DUCROT, 1987 *apud* KOCH, 1991). O *topos* na teoria dos *topoi* argumentativos, ressalta Campos (2017), é uma solução encontrada que tem o intuito de trazer os princípios para o interno do enunciado. Essa estratégia tem como objetivo fazer com que o responsável pela possibilidade de conclusões diferentes a serem extraídas de uma mesma frase seria não um princípio externo à língua, mas um princípio convocado pela própria frase.

Sendo assim, o segundo enunciador (E2-L) se opõe e argumenta a respeito das perspectivas de um enunciador genérico. Essa perspectiva apresenta dois tipos de mecanismos: o de concessão, o qual recomenda no próprio discurso o ponto de vista do outro; e o de conclusão, que apresenta a perspectiva de um enunciador, usada como argumento para a conclusão de um discurso. Segundo Koch (1991), o mecanismo conclusivo fica evidente quando os enunciados são introduzidos por expressões como: parece que..., segundo x... etc., em que se introduz a perspectiva de outro enunciador, a partir da qual se argumenta, sem assumir a responsabilidade do dito ou se comprometer.

### Análise dos tweets

O *Twitter* é um dos espaços digitais que contempla dois atos de comunicação, como a escrita e a oralidade, além de ser uma das redes sociais que está ganhando grande visibilidade, sendo a oitava rede social mais utilizada no mundo. Uma pesquisa realizada pela Statista, plataforma especializada em dados de mercado e consumidores, mostrou que atualmente o *Twitter* conta com 16,2 milhões de usuários brasi-

leiros cadastrados na plataforma (informação disponível em <https://www.statista.com/statistics/242606/number-of-active-twitter-users-in-selected-countries/> Acesso em 15 maio 2021). Essa rede social, além de ser um avanço advindo da globalização dos meios de comunicação, serviu de suporte para o avanço da globalização das cidadanias.

Motivado por esses avanços, vários usuários usam a plataforma como forma de se expressar acerca de acontecimentos que envolvem desde questões pessoais, até questões voltadas para o meio social. Com isso, resolvemos selecionar três *tweets* de usuárias, que aprovaram ou reprovaram o comentário feito pelo participante Babu Santana no Programa BBB. Tais comentários foram selecionados e retirados da aba de publicações com maior relevância sobre o tema, pesquisados a partir da *hashtag* #MulherNaoECardapio. O motivo que nos levou a usar apenas *tweets* de mulheres foi para destacar a diversidade de opiniões que pode haver dentro de um movimento social, que implica na pluralidade de pensamentos e não em uma hegemonia.

O mundo contemporâneo passa por duas globalizações, que por mais que estejam interligadas, são opostas. São elas, a globalização dos meios de comunicação, como o *smartphone*, computadores, internet etc. e a globalização da cidadania, na qual organizações humanitárias e não governamentais ganham destaque. Com isso, os meios de comunicação globalizados oferecem para a população, comunicação rápida e espaços públicos virtuais de discussão sobre questões sociais, sem ter a restrição de pessoas que não estejam presentes no mesmo espaço geográfico, oferecendo às organizações com fins sociais possibilidades promissoras para fazerem a diferença.

Diferente de outros meios de comunicação, a internet possui um espaço não territorial, ilimitado e irrestrito, sendo capaz de abranger uma diversidade de conteúdo voltado para o entretenimento e até para

questões de caráter social. No caso do(s) Movimento(s) Feminista(s)<sup>1</sup>, esse espaço abre margem para discussões que não são vistas no meio público social e que apresentam um grande desgaste da imagem da mulher, como nas propagandas, que as sexualizam, além de poucos locais para reivindicações. Sobre esse assunto, Haje (2003) ressalta que:

Se as mulheres vêm conquistando amplamente os espaços públicos da cidade, em seu sentido físico, concreto, material, principalmente por meio de inserção no mercado de trabalho, o mesmo não se pode dizer da esfera pública, no sentido habermasiano, ligada às condições de comunicação para a formação de opinião pública. As questões consideradas relevantes para as mulheres, sob a ótica do movimento feminista, na maioria das vezes, não ganham a importância devida nas discussões públicas, especialmente em virtude da deficiente inserção na imprensa - principal responsável hoje pela elaboração da pauta de assuntos de interesse da sociedade (HAJE, 2003, p. 91).

A internet proporciona um novo cenário para esse e outros movimentos que não têm tanto espaço na sociedade pública, sendo uma possibilidade de se comunicar diretamente com um grande público sem intermédio de jornais, revistas ou outros grandes veículos da mídia e discutir questões sociais relevantes para os movimentos. O uso de redes sociais como espaço para o ativismo político já foi documentado por diversos autores.

Recuero; Zago; Bastos (2014), por exemplo, entendem que tais protestos, que coexistem nos ambientes *on-line* e *off-line*, são movimentos sociais em rede e dependem das mídias sociais para sua estruturação,

---

1. Para melhor entendimento do assunto, sugiro leitura do texto <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/o-feminismo-ainda-19667>

constituindo um “espaço público híbrido de liberdade”, onde manifestantes de ambos os “lados” (*on-line* e *off-line*) participam na revolução.

Considerando as afirmações dos autores, verificamos no *Twitter* a apropriação da ferramenta pelos usuários para usos diversos, além do ativismo político. A rede social consegue englobar uma gama de conteúdos e usuários que comentam sobre qualquer assunto, mostrando seus pontos de vistas e opiniões. Pensando nessa esfera de comunicação, partimos do pressuposto de que o diálogo não ocorre em um discurso fechado, mas faz relações com outros discursos prévios ou com uma prévia noção que esse discurso traz para os interlocutores.

No âmbito da Análise do Discurso (AD), discurso é entendido como uma realização de interações entre seus usuários em situações reais ou virtuais. Além disso, na AD, a língua não pode ser estudada desvinculada de suas condições de produção, pois todo o processo que a constitui é histórico e social. Os estudos discursivos possibilitam entender a linguagem enquanto produção social e consideram a sua exterioridade como constitutiva, isso implica dizer que, o sujeito deixa de ser o centro e origem do seu discurso, para ser entendido como uma construção polifônica.

Em relação aos discursos da *WEB*, devemos entender que mesmo que abrigue uma pluralidade de ideias e de pontos de vistas, não é suficiente para que haja uma democratização dos discursos, pois, não basta as ideias estarem expostas, é preciso que circulem. Nesse sentido, o *Twitter* abre espaço para “novas linguagens” – algumas de caráter colaborativo. Portanto, nestes casos, não é um só enunciador da palavra, mas vários enunciadores que colaboram e produzem novas linguagens e discursos.

Pensando nessa linguagem colaborativa que o *Twitter* proporciona, levamos em conta o uso das *hashtag* (#). Este símbolo permite que todo

o conteúdo expresso por um usuário em sua opinião, entre em um círculo com outros usuários que estão comentando sobre o mesmo assunto. Isso faz com que o uso dessa função permita uma participação mútua entre os usuários e ocorra a troca de opiniões, ou seja, o dialogismo.

As *hashtags* presentes nos comentários aqui analisados são referentes ao programa *Big Brother Brasil* (BBB). Podemos observar nos comentários selecionados para análise o uso de duas *hashtags*. A primeira #BBB20, é relativa ao tema principal que os usuários comentam, no caso o programa. E a segunda #MulherNaoECardapio, é referente ao assunto comentado no BBB. Essas *hashtags* podem ser consideradas como hipertextos, assim, na definição dos *links*, elas preveem diferentes leitores e intenções de leitura, e diversos efeitos de sentido. Com isso, retomamos Pêcheux (1997a, p. 82), quando afirma que “o discurso não é necessariamente uma transmissão de informação entre os interlocutores, mas um ‘efeito de sentidos’ entre eles.”

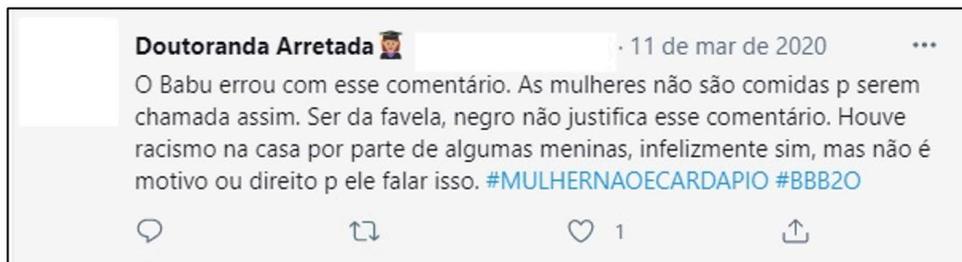
Outro ponto que pode ser levantado, a partir do uso da segunda *hashtag*, é a questão apontada por Orlandi (1999, p. 42-43) acerca da posição ideológica, na qual as palavras são produzidas. Para essa autora, “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”. Sendo assim, o uso da expressão “Mulher não é cardápio” por um grupo de pessoas, em sua maioria mulheres, têm um peso político de reivindicação que não estava presente quando foi proferida pelo participante do BBB, que no caso apresentou um sentido machista.

Considerando a interdiscursividade/intertextualidade em sentido amplo, apresentada por Koch (1991), temos nessa *hashtag* a presença de uma alusão interdiscursiva, por meio da instauração de polifonia polêmica contra discursos ainda fortes em nossa cultura: a força do mundo patriarcal e a associação da mulher à “comida”. Podemos destacar essa força do mundo patriarcal, quando Babu em sua fala diz

que “[...] Agora que vai vir um cardápio, você vai escolher”, mostrando uma superioridade do homem diante da mulher em poder escolher com quem ficar, além de associar mulher à comida, quando utiliza o termo *cardápio*.

No sentido amplo, percebemos o que Verón (1980, *apud* KOCH, 1991) aponta sobre as dimensões do princípio da intertextualidade, que é vista na pesquisa semiológica. No que diz respeito ao processo de produção de um discurso, há a presença de outros discursos relativamente autônomos, que não aparecem na superfície do discurso produzido, além de que o princípio da intertextualidade também é válido entre universos discursivos distintos. Nos comentários analisados, podemos considerar tanto a intertextualidade em sentido amplo, como a intertextualidade em sentido estrito.

Nas Figuras 01 e 02, observamos a presença de um discurso voltado para o que ocorreu dentro do BBB. Outros discursos aparecem mencionados, é o caso do racismo e da homofobia. É necessário um conhecimento prévio do que ocorreu dentro do programa e da repercussão que teve nas redes sociais, para entender por que tais discursos estão presentes nos comentários. Quem tem esse conhecimento prévio, sabe que dentro do BBB algumas atitudes de outros participantes despertaram essa problemática. Por exemplo, quando o pente-garfo do Babu foi alvo de piadas, além de falas como a da participante Marcela, que colocou o Babu como dono da cantina, caso o BBB fosse uma escola, na qual ele teria o posto de serviçal.

Figura 01 - *Tweet 01* - contra a fala do Babu SantanaFonte: *Twitter*Figura 02 - *Tweet 02* - posicionamento explicativo diante da fala do Babu SantanaFonte: *Twitter*

Em relação à homofobia, o tema é abordado quando o participante usa de termos pejorativos, como *viadinho* para se referir a alguns participantes. Esses discursos se tornaram constitutivos dos comentários, pois os telespectadores usaram esses acontecimentos como argumentos/justificativas para o ocorrido em questão aqui analisado, seja para contribuir com o seu discurso, no caso quando é mencionada a homofobia, seja para deslegitimar o ocorrido, no caso do racismo, quando outros usuários usam como parâmetro.

Podemos inferir também que as relações entre informações expressas por conhecimento prévios e partilhados podem ser inferências via intertextualidade, mesmo sendo de universos discursivos distintos, como podemos observar no comentário feito pelo participante Babu na TV e a repercussão disso na internet. Para analisarmos o sentido, a

partir dos fatores impostos pela intertextualidade, temos que levar em consideração a atividade humana histórica e social, pois os interlocutores fazem parte da sociedade.

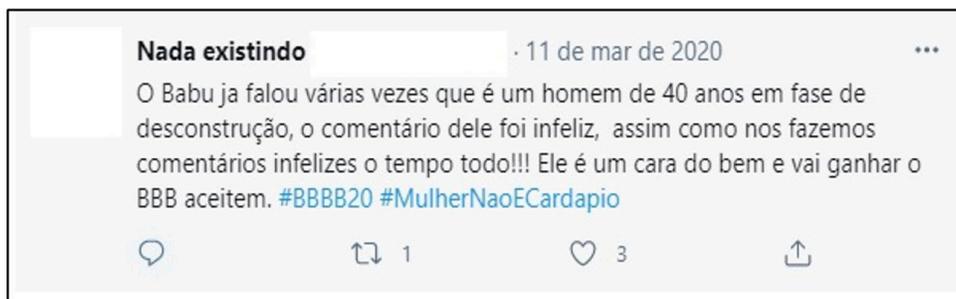
Em relação à intertextualidade em sentido estrito, verificamos o uso de uma explicitação. Em ambos os comentários, é identificada a fonte do intertexto, que no caso é o ocorrido dentro do programa, com a fala do participante Babu. Além disso, há a presença da intertextualidade das diferenças/subversão e das semelhanças/captação. Por exemplo, no *Tweet* 01 está subentendido que quem critica o participante Babu está sendo racista, sendo assim, o texto se utiliza do intertexto para tecer sua contra argumentação, ou seja, apresenta um valor de subversão e coloca em questão seus reais motivos para criticar o participante, eximindo sua responsabilidade sobre o tema racismo. No *Tweet* 02, identificamos que o texto incorpora o intertexto para seguir sua argumentação, no caso, é usada a fala do participante Babu para justificar as críticas que ele recebeu, apresentando um valor de captação.

Devemos levar em consideração também a polifonia presente nos comentários. Como aponta Ducrot (1987), há dois tipos de polifonia. O primeiro tipo apresenta mais de um locutor e o segundo acontece quando em um enunciado há a presença de mais de um enunciador, que no caso, recobre, em parte, a intertextualidade implícita.

Nesse sentido, a negação polêmica no *Tweet* 01 é o E1, produtor do enunciado afirmativo “CRITICAR O BABU Não me faz racista nem uma ‘branca privilegiada!’”, e o E2=L que o contradiz “Eu critico o Babu por não concordar com os comentários machistas e homofóbicos dele...”. Podemos identificar também uma argumentação por autoridade polifônica, a partir do mecanismo de concessão, no qual é apresentada a perspectiva do outro (E1) admitindo como possível argumento.

No caso do *Tweet 02*, “Houve racismo na casa por parte de algumas meninas, infelizmente sim...” e, logo em seguida, utilizando o operador argumentativo MAS, apresenta a perspectiva de E2=L, que constitui o argumento decisivo em sentido contrário “... mas não é motivo ou direito p ele falar isso”. Além desses pontos destacados, podemos identificar também a presença de uma preposição no *Tweet 02*, quando é dito que “O Babu errou com esse comentário”, dá a entender que o participante errou apenas com o comentário em questão e de que antes disso suas falas não eram tidas como preconceituosas. Podemos levar em consideração as pessoas que o defendem, visto que, no mesmo comentário em análise é mencionado um fator que pondera as atitudes do participante, como no trecho “Houve racismo na casa por parte de algumas meninas, infelizmente sim...”.

No *Tweet 03*, oposto aos anteriores, referente à intertextualidade, observamos o uso de uma citação: “O Babu já falou várias vezes que é um homem de 40 anos em fase de desconstrução...”, que mostra a relação discursiva explicitamente. Também há a presença da intertextualidade em sentido amplo e estrito. No sentido amplo, assim como nos outros comentários, verificamos o uso das dimensões do princípio da intertextualidade, que vai ressaltar a presença de outros discursos no enunciado, além da presença de universos discursivos distintos, ou seja, a citação utilizada é retirada de uma fala do participante dentro do programa na esfera televisiva e de forma oral, para um contexto dentro da *WEB*, através de um comentário de forma escrita.

Figura 03 - *Tweet* 03 - a favor do Babu SantanaFonte: *Twitter*

Nas ocorrências observadas no *Tweet* 03, em relação à intertextualidade em sentido estrito, verificamos a presença da explicitação, a qual apresenta de forma expressa a fonte do intertexto, assim como o emprego da intertextualidade das semelhanças/captação, que faz uso do intertexto para lançar sua argumentação, no caso do comentário em questão, diferente dos outros, o argumento é voltado a favor do participante.

Referente à polifonia, é notada a presença da pressuposição polifônica. No enunciado “Ele é um cara do bem e vai ganhar o BBB”, temos a comunicação de que “ele é um cara do bem” e “ele vai ganhar o BBB”, esse pressuposto [ele vai ganhar o BBB] não constitui condição para que o julgamento principal [ele é um cara do bem] tenha um sentido: não é necessário supor que o participante seja bondoso para que haja um sentido em dizer que ele irá ganhar o programa.

É adicionado ao conteúdo principal um segundo conteúdo de plano de fundo, constituindo uma fonte de polifonia. Além da utilização de uma argumentação por autoridade polifônica, quando é dito que “[...] o comentário dele é infeliz...” é mostrada a perspectiva de E1 como possível argumento, porém, logo em seguida utilizando o operador argumentativo de explicação ASSIM COMO, é mostrada a perspectiva de E2=L “[...] assim como nós fazemos comentários infelizes o tempo

todo!!!”, que constitui um argumento que vai contra o que o coletivo pensa, no caso o E1.

### Palavras finais

A partir do que analisamos, podemos afirmar que as operações são sempre intertextuais no interior de um universo discursivo e que essa intertextualidade também é válida em universos distintos. Como vimos, a intertextualidade ocorreu a partir de uma fala do participante Babu no programa BBB e teve sua concretização nos comentários do *Twitter*, que usaram de algumas formas de intertextualidade para tecer seus argumentos e contra argumentos, além de aspectos polifônicos. Observamos como os discursos migram entre as mídias, indo do programa de TV para o espaço digital, nesse caso, da plataforma *Twitter*.

Na intertextualidade, a alteridade é carregada pela presença de um intertexto, cuja origem é explicitamente mencionada no texto que o incorpora. Na polifonia, basta que essa alteridade seja encenada, isto é, sejam incorporadas ao texto vozes de enunciadores, reais ou virtuais, que representam perspectivas opostas, pontos de vista diferentes. O conceito de polifonia recobre o de intertextualidade em sentido estrito, ou seja, todo caso de intertextualidade é polifônico, porém o inverso não é válido. Além de pensarmos nessa ligação da intertextualidade em sentido estrito com a polifonia, não podemos ignorar a presença dela na intertextualidade de sentido amplo.

Partindo do ponto de vista da construção de sentido, todo texto evoca outros textos e é perpassado por vozes de diferentes enunciadores, ora consonantes, ora dissonantes. Não se pode deixar de caracterizar o fenômeno da linguagem humana como essencialmente polifônico, tomando a polifonia como sinônimo de intertextualidade em sentido

amplo, ou ainda, de interdiscursividade, em que a heterogeneidade é constitutiva da própria possibilidade discursiva (KOCH, 1991, p. 539).

Considerando o meio virtual para a análise dos aspectos do discurso, o conteúdo produzido na *WEB* incorpora texto, vídeo, áudios e perfis. Tudo isso agregado à interatividade, ao compartilhamento de informações e à produção em equipe, o que torna o conteúdo dinâmico. Além das palavras que formam o enunciado, é importante analisar as condições de produção e o contexto sócio histórico que envolvem a enunciação, numa tentativa de refazer os passos das modalidades do dizer. A materialidade do discurso consiste apenas em parte de sua essência.

Tecemos aqui nossas palavras finais, ressaltando a importância de trabalhar temáticas voltadas para assuntos que englobam minorias, como no caso do feminismo, mencionado brevemente na análise. Os comentários analisados apresentam uma pluralidade de vozes nos discursos que circulam no meio virtual e que, às vezes, não são tão vistos no meio social, por não haver um espaço onde possam circular livremente. A televisão e a internet conseguem ser aliadas nesse quesito.

Considerando o *Big Brother Brasil* e o *Twitter*, tudo que acontece no programa é motivo para os telespectadores tecerem seus comentários na rede social. Se tivéssemos programas voltados para um público mais ativo nas redes sociais, que apresentassem quadros com temáticas voltadas às minorias e acompanhados de profissionais habilitados, poderíamos ter uma forma de conscientizar grande parte da sociedade sobre assuntos polêmicos e importantes socialmente, de forma dinâmica e interativa.

## Referências

- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 13ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARBISAN, L. B.; TEIXEIRA, M. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. *Organon*; UFRGS, 2002, v. 16, n. 32-33, p. 161-180.
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2000.
- CAMPOS, C. M. O percurso de Ducrot na teoria da argumentação na língua. *Revista da ABRALIN*. v. 6, n. 2, 22 maio 2017.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987.
- FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. 2ed. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 29-36.
- FRASSON, R.M.D. A intertextualidade como recurso de argumentação. *Letras*, n. 25, jul/dez, 1992. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r4/regina\\_mafalda.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r4/regina_mafalda.pdf). Acesso em: 15 maio 2021.
- HAJE, L. Esferas públicas feministas na internet. *Revista Logos*, ano 10, nº 19, 2º semestre de 2003.
- KOCH, I.G.V. Intertextualidade e Polifonia um só fenômeno? São Paulo, *D.E.L.T.A.*, v. 7, n. 2, 1991, p. 529-541.
- KOCH, I. V; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP: EDUNICAMP, 1997, p. 61-151.

RECUERO, R; ZAGO, G; BASTOS, M. O Discurso dos #ProtestosBR: análise de conteúdo do Twitter. *Galáxia*. 2014, Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641254017>. Acesso em: 15 maio 2021.

ZANI, R. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. *Revista em Questão*. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 121-132, jan/jun, 2003.

Recebido em: 10/11/2022

Aprovado em: 06/07/2023

Licenciado por

